

Processos de criação: Teatro e Imaginário

O livro relata processos de criação em teatro e imaginário, proposta de formação de professores e artistas, em diálogo com autores e encenadores através de uma hermenêutica simbólica. A organização do livro introduz o tema com um memorial, no qual a trajetória da autora é narrada destacando experiências, processos de vida e Arte, criação e linguagem teatral, que geraram e deram continuidade à pesquisa e que, ao longo do livro, são esmiuçados e embasados filosoficamente.

A partir dos schêmes conceituados por G. Durand, a proposta desenvolve estímulos em uma mitopoiética, uma educação da sensibilidade; as criações foram estimuladas em improvisações com temas: os quatro elementos bachelardianos e a alquimia, no desenvolvimento da linguagem dos anjos ou da alma. Para isso, travou breve diálogo com os autores da pedagogia imaginal que retomam a obra de H. Corbin, J. Hillman e C. G. Jung.

Uma pedagogia do imaginário em Teatro foi elaborada gerando cenas, desenhos, poemas e improvisações que se configuraram em proposta a partir de uma perspectiva de uma pedagogia da aventura inspirada pelo pedagogo italiano Ricardo Massa, que se coaduna com a ideia de jornada interpretativa desenvolvida por Marcos Ferreira-Santos.

Aborda e aprofunda uma proposta de formação de professores em Arte a partir de espaços de experimentação e criação através da corporeidade, conceito de M. Merleau-Ponty, em um trajeto antropológico, no conceito de Gilbert Durand, buscando a desobliteração das fontes de acesso ao Imaginário.



Processos de criação: Teatro e Imaginário



ANDREA CAVINATO

PREFÁCIO

TEATRUM SMERALDINO

Os poetas e poetisas da terra e das águas sabem dos caminhos e veios, os subterrâneos e os da superfície da pele da terra com suas veias abertas ao sol e ao tilintar dos raios lunares. Estes caminhos que a natureza esverdeante nos mostra e ensina aos que possuem ouvidos e almas atentas são cúmplices do silêncio. Dizia Drummond em “*A procura da poesia*” (*A Rosa do Povo*, 1945): “*Penetra surdamente no reino das palavras. Lá estão os poemas que esperam ser escritos*”. Os poemas dormitam aparentemente e esperando pelo ato criador que os plasmem em gestos, em palavras, em escritos, numa inscrição do Ser que, apenas tenta, manifestar no chamado “mundo real” a existência latente e potente daquilo que é indizível, invisível, indivisível mesmo neste mundo onde “*as coisas não tem paz*”².

Continua Drummond nos alertando neste mesmo poema:

*“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”*

2 “As coisas têm peso
Massa, volume, tamanho
Tempo, forma, cor
Posição, textura, duração
Densidade, cheiro, valor
Consistência, profundidade
Contorno, temperatura
Função, aparência, preço
Destino, idade, sentido
As coisas não têm paz”
 (“As coisas”, Arnaldo Antunes/Gilberto Gil, 1993)

Assim começa a tese de doutorado de Andrea Cavinato agora nos brindando em forma de livro para um público maior. Os processos criativos que perscrutamos para talvez, não explicarmos, mas melhor compreendermos, a partir do centro vital de todas as aprendizagens: o próprio corpo. Teatro e Imaginário se entrelaçam aqui para perscrutar, como quem coloca o ouvido sobre o peito do ser amado para ouvir seu coração palpitante. Não há raio-x, nem tomografias computadorizadas, nem mesmo estetoscópio. Carinhosamente se aproxima e se repousa a cabeça sobre o peito do outro que o acolhe e a comunicação entre os dois corações se faz... sístole e diástole, batida e pausa, percussão e silêncio, num equilíbrio frágil.

Como compreender sem esfacelar os sentidos quando se pretender penetrar surdamente no reino das palavras ainda não ditas, nem escritas, muitas vezes, nem mesmo pensadas?

Andrea, como o seu próprio nome já diz, etimologicamente, vem do grego que quer dizer “*coragem*”. Coragem para seu duplo ofício: o de atuar e de ensinar arte. Atriz, contadora de histórias e professora, artista orientadora no Programa Vocacional da Prefeitura Municipal de São Paulo, atua há vários anos no grupo de teatro “*Caixa de Fuxico*”, fundado por ela em 1999 com o intuito de exercitar a prática e a pesquisa do ensino de Arte para crianças e jovens viajando pela cultura brasileira na suas manifestações musicais dramáticas, folguedos e festas populares, bem como o teatro para crianças. Espetáculos marcantes neste campo, como: “*A menina, o príncipe e a noite*”, “*A batalha dos encantados*”, “*A fada Oriana*”, “*A dança das cores*”, “*Histórias avoadas*”, “*Cabeças Trocadas*”; espetáculos que primam pelo equilíbrio poético e o arroubo simbólico na articulação cênica que cada detalhe exhibe: nos tecidos, fuxicos, figurinos com cuidado artesão, coreografia, na presença quase constante da contracena com os bonecos ao velho estilo *bunraku*, o maravilhamento do invisível de matriz popular e ancestral que se plasma no *corpo-cena* e na *palavra-voz* que se

entretecem no aqui e agora do ser da estória que se narra (no palco, na rua, na boléia do caminhão...), se dramatiza, se ritualiza... numa vivência mítica das várias possibilidades de ser que só o teatro e a dança podem proporcionar.

De forte influência marcada pela vivência e participação durante toda uma década no *Teatro Ventoforte* de Ilo Krugli, além de estagiar também com Eugenio Barba, discípulo de Jerzy Grotowski e propositor do *Teatro Antropológico*, e o grupo *Odin Teatret* em sua sede na cidade de Holstebro na Dinamarca; Andrea Cavinato chega à maturidade de suas vivências e investigações num trabalho autoral que inova nas relações entre teatro e imaginário.

Da jornada do herói dos tempos do *Ventoforte*, descortina a *jornada interpretativa* que atores, atrizes e educadores percorrem no conhecimento de si e no cuidado de si para se embrenharem na realização de um espaço convivencial e criativo que vai plasmando as reflexões e sentimentos na perlaboração deste conhecimento profundo e radical. Ou de maneira mais simples: na tradição dos velhos cozinheiros e cozinheiras medievais e alquimistas: se prepara o alimento na cocção (da mesma raiz etimológica que “*conhecimento*” ou “*cognição*”), se tempera e se obtém o “*ponto*” que cada mão possui e, depois de pronta a refeição, cumpre seu destino ao se compartilhar na mesa da amizade.

Desta forma, propõe a travessia naquilo que o mestre Guimarães Rosa chamaria de a “*terceira margem do rio*”, quando já não se está na margem de partida e ainda não se chegou à margem oposta. Ali, no meio da travessia, o importante acontece: a aprendizagem de nós mesmos, na relação com o outro e com o mundo. Imprevisto e incontrolável, a aprendizagem tem seus meios próprios e recursos que são absolutamente internos. O artista-educador pode, nesta proposta de aguda consciência das ambigüidades, criar espaços para que a aprendizagem (de Arte e de si mesmo) ocorra. No entanto, sabedor de

que ele próprio não é a força-motriz, nem o fazedor-absoluto, nem o demiurgo-salvador. Seu ofício é criar espaços, dialogar, propor a experimentação da vivência, fazer junto.

Não poderia ser de outra forma mais sensível e corporal do que no trato com os elementos mais básicos de nossa corporeidade na relação com o mundo: água, ar, terra e fogo, à maneira bachelardiana. Até chegar à quintessência que ela mesma problematiza como início de um outro ciclo, pela integração das vivências dos quatro elementos.

Nesta travessia, experimental e vivencial, não abrindo mão da necessária reflexão que a experiência verdadeira exige, numa perspectiva de *razão sensível*, estabelece as relações muito particulares que tal processo compartilha com a velha e sábia alquimia.

As transformações da matéria são correlatas das transformações que se processam no próprio alquimista. *Fac fixum volatile, "tornar fixo o volátil e volatilizar o fixo"*, uma das máximas alquímicas marcam este terreno crepuscular, intermediário, em que as matérias e o espírito dialogam e marcam as transições. As experiências vivenciadas pelo corpo e plasmas na linguagem artística: o próprio corpo na dança, no rito, nas artes visuais em seus mais variados suportes (pintura, desenho, colagem, bricolagem, tecidos etc) vão possibilitar, como no exercício alquímico, a leitura simbólica das transformações ocorridas e compartilhá-las.

Andrea Cavinato foi numa viagem às suas origens familiares na própria Itália (geralmente vamos longe para regressarmos a nós mesmos) e cumprindo com sua formação com um estágio doutoral na *Università degli Studi di Milano Bicocca*, na Faculdade de Ciências da Formação, sob orientação do Prof. Paolo Mottana. Mottana continua a obra do pedagogo italiano, Ricardo Massa, em sua *pedagogia da aventura*, além de investigar a *pedagogia immaginale*, na linhagem de pensadores como Henry Corbin (por sua vez, membro do Círculo de Eranos – 1933-1988, filósofo personalista ligado a Nikolay

Berdyayev e Emmanuel Mounier, primeiro tradutor de Heidegger ao francês e intérprete da obra do mestre sufi, Ibn Arabi). É a partir de Ibn Arabi e dos estudos de Corbin que se cunha a expressão “*imaginal*” (*alam al-mithal*, em árabe), região intermediária entre o mundo físico das coisas e o mundo espiritual, mundo imaginário da imaginação criadora. Nesta região limítrofe, onde é possível materializar as criações e espiritualizar a obra, onde circulam a *linguagem das almas* ou a *linguagem dos anjos*. Linguagem da alma, aqui entendida como toda a expressão da imaginação criadora do humano no engendramento das imagens. Região cuja existência e cultivo exige, necessariamente, uma postura e leitura simbólicas. Mottana em seu livro “*Visione smeraldina*” (2009), nos introduz a esta pedagogia imaginal que, tal qual a pedra esmeraldina, pedra filosofal, ou ainda, “*magna opus*”, a Grande Obra alquímica é a responsável por manifestar a grande transformação – ou mesmo, mutação. No momento hermesiano (sob as características desta sensibilidade comunicante, das encruzilhadas, dos caminhos, etc) da *coniunctio*, da junção dos contrários, no casamento da lua e do sol, na conciliação dos opostos (*coincidentia oppositorum*) de uma outra lógica, simbólica, distinta da reinante e escolarizante lógica aristotélica e pensamento cartesiano das separações; ocorre a transformação do viajante travestido de simples “*aprendiz*”.

Aqui percebemos como a chave que podemos trazer na leitura é a nossa própria chave constitutiva, momento mítico de leitura, diria Gilbert Durand (outro companheiro de viagem de Andrea), instantâneo fotográfico de nossa jornada interpretativa, no momento mesmo em que nos encontramos. Sem projeções abusivas, tentando desenterrar as couraças institucionais a que fomos submetidos em anos e anos de escolarização (no ensino fundamental e superior), domesticando, enquadrando e fragmentando o próprio corpo e todos os seus nós vividos e

significados de nossa memória pessoal e ancestral. Exercício de desobliterar a sensibilidade e seus vasos comunicantes que nos articulam com o mundo maior, de dentro e de fora.

Esse exercício alquímico tem heranças ancestrais (e, porque não, arquetípicas?) no esverdeante mundo de que nascemos e do qual fomos nos afastando ao longo dos séculos no mundo ocidental. A luz que se exercita na visão mais arguta e profunda, que eu chamaria de *lumina profundis*, penetra como viajante nas escuridões dos inferos para renascer. Não se trata da iluminação (ou ilustração na tradição iluminista e burguesa que nos assola), mas de ser portador da lanterna mágica que ilumina apenas aquilo que nos basta para compreender. Sem pretensões dogmáticas. Trata-se de tentar perceber a trajetória do ponto de vista do iniciado em seu próprio processo de iniciação.

Não é precisamente a clorofila, a estrutura esverdeante das plantas que possibilita a fotossíntese (a síntese da luz)? A cor esverdeada absorve a luz, liberando oxigênio e sintetizando glicose. Doce luz das descobertas, verde das transformações e açúcares da energia...

Lembrando Drummond novamente:

“Escuto a voz da chave, canavial, uva espremida, berne de bezerro, esperança de chuva, flor de milho, o grilo, o sapo, a madrugada, a carta, a mudez desatada na linguagem que só a terra fala ao fino ouvido. E aperto, aperto-a, e de apertá-la, ela se entranha em mim. Corre nas veias. É dentro em nós que as coisas são, ferro em brasa — o ferro de uma chave.” (Drummond, *O Corpo*, 1984)

Verdade vegetal ferruginosa das florescências no ferro de uma chave.

E aqui as coisas adquirem sentidos dormideiros que nos olham de soslaio quando tocamos as camadas mais profundas das escavações sob o silêncio da palavra, no trabalho arqueológico de perguntar-se sobre as coisas e suas origens.

As escavações nos levam ao sobrenome de Andrea, *coragem*, que também é Cavinato. Aquele que é nascido nas caves. Antro das transformações vegetais da uva espremida, sumo da terra que, fermentado e destilado, se transforma no vinho dionisíaco do êxtase, do brinde, da celebração, do compartilhar. Nada mais apropriado para alguém que tinha a destinação teatral das transformações. Renascida nas caves, Andréa nos brinda com um esverdeante *teatrum smeraldino*.

Marcos Ferreira-Santos
Professor de mitologia, livre-docente da USP